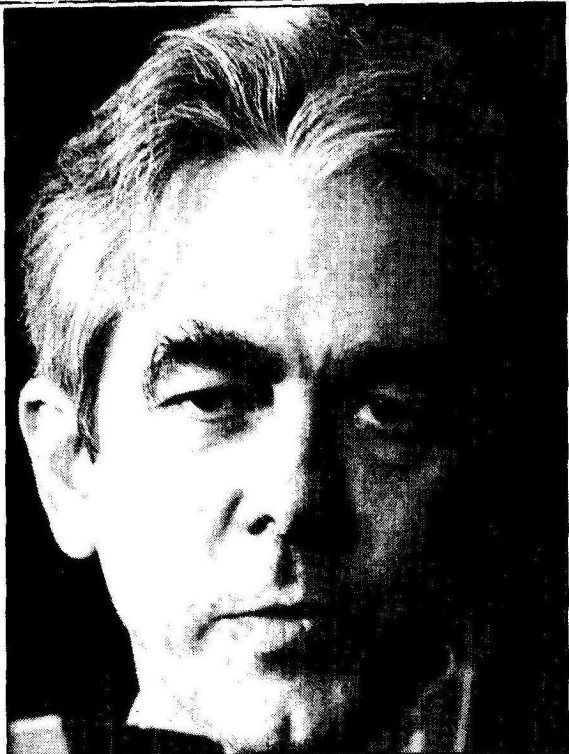


Conversa difícil com nossos credores

Alguns bancos americanos ameaçaram não negociar se não receberem empréstimos dados ao Auxiliar e Comind



Ainda não se sabe exatamente qual foi o conteúdo das conversas mantidas entre o presidente do Banco Central, Fernão Bracher, e alguns banqueiros norte-americanos durante todo o dia de ontem em Nova York.

Bracher — que veio acompanhado do diretor para Assuntos da Dívida Externa, Antônio de Pádua Seixas — passou todo o dia na área de Wall Street, percorrendo escritórios de bancos como Chase Manhattan, Citibank e Manufacturers, apenas em “visitas de cortesia”, pois as renegociações de fato com o comitê assessor da dívida externa brasileira só serão reiniciadas amanhã.

Apesar de o presidente do Banco Central não se ter encontrado com a imprensa, circularam alguns rumores na área financeira de Nova York, de que nestes encontros isolados com alguns banqueiros Bracher já teria feito algumas propostas, entre elas a de que o governo brasileiro pagaria 100% da dívida dos bancos recém-liquidados, Comind e Auxiliar.

Além disso, de acordo com outras fontes, o presidente do Banco Central estaria tentando vender ao Fundo Monetário Internacional o pacote econômico anunciado há alguns dias pelo presidente José Sarney, e a partir disso chegar a um acordo que agrade ao FMI e posteriormente possibilite a renegociação da dívida externa e não apenas uma prorrogação.

Na verdade, nada disso está confirmado e o que se observa é a propagação de notícias desencontradas, principalmente depois da visita de Fernão Bracher a Washington na segunda-feira e as reuniões mantidas com Paul Volcker, presidente do Federal Reserve Board, e Jacques de Larosière. Segundo algumas fontes norte-americanas, o presidente do Banco Central realmente teria proposto um acordo ao Fundo Monetário Internacional, contradizendo o próprio ministro da Fazenda, Dilson Funaro, que anunciou durante sua viagem a Washington exatamente o contrário. Ou seja, que o Brasil não precisaria nem iria fazer nenhum

acerto com o Fundo para recomendar suas discussões com os banqueiros credores.

E é neste clima de incertezas que se dará o provável encontro hoje entre Fernão Bracher e William Rhodes — presidente do comitê assessor da dívida externa brasileira. Para tornar a situação mais delicada, comentou-se também a possibilidade de alguns bancos regionais norte-americanos estarem planejando retirar as suas linhas de crédito se até o dia 17 de janeiro — data da expiração do acordo da fase 2 da dívida externa brasileira — ainda não houver nenhuma solução para a dívida dos dois bancos brasileiros liquidados há quase um mês.

Além do encontro com William Rhodes, parece — embora não esteja confirmado — que Bracher convocou uma reunião, também para hoje, com os gerentes de bancos brasileiros em Nova York, provavelmente para discutir a situação dos bancos em geral, depois da crise do Comind e do Auxiliar.

**Eliane Gamal,
de Nova York.**